

SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL: INTERFACES ENTRE BEM-ESTAR, ENSINO E APRENDIZAGEM

MENTAL HEALTH IN THE EDUCATIONAL CONTEXT: INTERSECTIONS BETWEEN WELL-BEING, TEACHING, AND LEARNING

Mariza Branquinho Silva¹
Carlos Daniel Chaves Mourão²
Ronaldo Paulo de Farias³
Rogério Borborema Santos⁴
Francisca das Chagas Dias Pereira⁵
Renata Vivian de Miranda⁶
Sabrina Barros Nepomuceno⁷
Jamiris Kelly Sousa Gonçalves⁸
Sâmia de Oliveira Araújo⁹
Antonio Deison da Silva Mendonça¹⁰
Ivila Moreira Costa¹¹
Adriana Lobo Lima¹²
Michele Lopes Soares¹³

RESUMO: A saúde mental tem se tornado um tema cada vez mais presente nas discussões sobre educação, já que influencia diretamente o bem-estar e o desempenho de professores e estudantes. O presente artigo objetivou analisar como a saúde mental de professores e estudantes influencia o processo de ensino e aprendizagem, destacando os principais desafios enfrentados no contexto educacional e suas repercussões para o bem-estar e a qualidade da educação. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, a partir da análise de estudos relacionados à saúde mental no contexto educacional. Os resultados evidenciaram que fatores como ansiedade, estresse, sobrecarga, sofrimento psíquico, *Burnout*, dificuldades de relacionamento e *bullying* podem afetar a concentração, a participação, o desempenho acadêmico e as relações entre os sujeitos da comunidade escolar. Também se verificou que o acolhimento, a escuta, o fortalecimento dos vínculos, a valorização profissional e a melhoria das condições de trabalho podem contribuir para a promoção da saúde mental. Conclui-se que a saúde mental constitui uma dimensão importante da qualidade da educação e deve ser abordada de forma preventiva, coletiva e articulada, envolvendo escola, família,

1

¹ Graduada em Psicologia - Faculdade Maurício de Nassau.

² Licenciado em Matemática e Pós-Graduado em Metodologia do Ensino de Matemática - Instituto Federal do Ceará (IFCE).

³ Mestrando em Ciências da Educação - Veni Creator Christian University (VCCU).

⁴ Graduando em Bacharelado em Filosofia - UNINTER - Polo Belo Horizonte (MG).

⁵ Pós-Graduada em Psicologia Institucional e Clínica - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

⁶ Mestra em Administração Pública - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

⁷ Mestra em Ensino de História - ProfHistória - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

⁸ Pós-Graduada em Educação Inclusiva - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS).

⁹ Mestra em Ciências da Educação - Universidade Del Sol/Instituto Educa Inter.

¹⁰ Mestre em Ensino de Biologia (PROFBIO) - Universidade Estadual do Ceará (UECE).

¹¹ Mestra em Ciências da Educação - Universidade Del Sol (UNADES).

¹² Mestra em Ciências da Educação - Universidade Del Sol (UNADES).

¹³ Especialista em Educação Especial e Inclusiva - Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

profissionais de diferentes áreas e políticas públicas, de modo a favorecer o bem-estar e o desenvolvimento integral de professores e estudantes.

Palavras-chave: Saúde mental. Educação. Bem-estar. Ensino e aprendizagem. Ambiente escolar.

ABSTRACT: Mental health has become an increasingly prominent topic in discussions about education, as it directly influences the well-being and performance of teachers and students. This article aimed to analyze how the mental health of teachers and students influences the teaching-learning process, highlighting the main challenges faced within the educational context and their repercussions for well-being and the quality of education. Methodologically, a bibliographic review was conducted using a qualitative, exploratory approach based on the analysis of studies related to mental health in the educational setting. The results showed that factors such as anxiety, stress, workload, psychological distress, burnout, relationship difficulties, and bullying can affect concentration, participation, academic performance, and the relationships among members of the school community. It was also found that supportive care, active listening, the strengthening of bonds, professional recognition, and improved working conditions can contribute to promoting mental health. The study concludes that mental health is a crucial dimension of educational quality and must be addressed through preventive, collective, and coordinated efforts, involving schools, families, professionals from various fields, and public policies, to foster the well-being and holistic development of teachers and students.

Keywords: Mental health. Education. Well-being. Teaching and learning. School environment.

I INTRODUÇÃO

A saúde mental tem assumido crescente relevância no debate educacional, especialmente diante das transformações sociais, econômicas e culturais que têm repercutido diretamente no dia a dia das instituições de ensino. De acordo com Matos e Francisco (2024), discutir a relação entre saúde mental e educação significa reconhecer como as condições sociais e institucionais afetam a subjetividade, as relações e o cotidiano das comunidades escolares. Nesse sentido, compreender as diferentes formas de vivenciar as experiências e práticas educativas é fundamental para promover ambientes baseados na interação, na cooperação e no bem-estar coletivo (Matos; Francisco, 2024).

Embora não seja responsabilidade exclusiva da escola solucionar as questões relacionadas à saúde mental, cabe às instituições educacionais reconhecer suas manifestações e desenvolver estratégias de acolhimento e mediação que contribuam para apoiar professores, gestores e estudantes, fortalecendo, assim, a função social da educação na formação para a vida em sociedade e para o bem comum (Matos; Francisco, 2024).

A escola e a universidade constituem espaços destinados à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de competências e à formação humana, mas também são ambientes marcados por diferentes demandas, responsabilidades, relações interpessoais e situações que

podem afetar o bem-estar de professores e estudantes. Nesse cenário, falar sobre saúde mental no contexto educacional significa reconhecer que as condições emocionais e psicológicas dos sujeitos estão diretamente relacionadas às possibilidades de ensinar, aprender, conviver e participar de forma significativa das experiências educativas.

A escola não pode garantir a saúde mental dos estudantes nem prever os efeitos de suas práticas educativas, mas pode reconhecer o aluno como sujeito de desejos, sentimentos e angústias, assegurando-lhe espaço para expressá-los. Nesse processo, a postura do professor é fundamental, pois sua formação e sensibilidade influenciam a maneira como acolhe as manifestações dos estudantes, podendo tanto reproduzir conflitos e expectativas próprias quanto favorecer a expressão, por meio do diálogo, de seus desejos, dificuldades e tensões (Almeida, 1999).

No caso dos professores, as exigências relacionadas ao planejamento e à execução das atividades pedagógicas, à gestão da sala de aula, à avaliação da aprendizagem, às relações com estudantes e famílias e às constantes mudanças nas políticas e práticas educacionais podem contribuir para situações de estresse, sobrecarga e desgaste emocional. Souza, Laroca e Silva (2025) ressaltam que a saúde mental dos professores tem recebido crescente atenção nas últimas décadas, especialmente em razão da influência do bem-estar docente sobre a qualidade do ensino e o desenvolvimento dos estudantes. Níveis elevados de estresse, esgotamento emocional e outros fatores relacionados às condições de trabalho podem afetar negativamente a atuação dos professores e dificultar a construção de um ambiente educacional favorável ao ensino e à aprendizagem (Souza; Laroca; Silva, 2025).

Entre os estudantes, por sua vez, diferentes fatores podem interferir na saúde mental e no desempenho acadêmico, como dificuldades de aprendizagem, pressão por resultados, conflitos familiares e escolares, problemas relacionados à socialização, situações de violência e *bullying*, insegurança quanto ao futuro e dificuldades de adaptação às exigências do ambiente educacional.

Nesse sentido, a saúde mental não deve ser compreendida apenas como a ausência de transtornos ou dificuldades psicológicas, mas como uma dimensão do desenvolvimento humano relacionada ao bem-estar, à capacidade de estabelecer relações, enfrentar desafios e participar de diferentes contextos sociais. Posto isso, este artigo tem como objetivo analisar como a saúde mental de professores e estudantes influencia o processo de ensino e

aprendizagem, destacando os principais desafios enfrentados no contexto educacional e suas repercussões para o bem-estar e a qualidade da educação.

Busca-se, a partir de uma abordagem fundamentada na literatura, discutir as relações entre saúde mental, prática docente, experiência estudantil e aprendizagem, bem como refletir sobre a importância de estratégias institucionais de prevenção, acolhimento e promoção do bem-estar no ambiente educacional. A discussão parte do entendimento de que cuidar da saúde mental na educação não constitui uma ação complementar, mas uma dimensão necessária para a construção de processos educativos mais humanizados, inclusivos e comprometidos com a formação integral dos sujeitos.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza básica, de abordagem qualitativa, caráter exploratório e procedimento bibliográfico, desenvolvido com o objetivo de analisar a produção científica acerca da saúde mental no contexto educacional, com ênfase nas repercussões sobre professores, estudantes e os processos de ensino e aprendizagem. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de interpretar os diferentes sentidos, perspectivas e contribuições presentes nos estudos selecionados, considerando a complexidade das relações entre saúde mental e educação. Conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já publicados, possibilitando ao pesquisador conhecer e analisar diferentes contribuições teóricas relacionadas ao objeto investigado.

O levantamento bibliográfico foi realizado mediante consultas ao Google Acadêmico, à *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), ao Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). As buscas foram realizadas considerando o recorte temporal de 2018 a 2025, de modo a contemplar produções recentes e, simultaneamente, estudos que contribuíssem para a compreensão da temática em diferentes contextos educacionais. O período de realização das buscas correspondeu ao período de desenvolvimento da pesquisa, sendo consideradas, para composição do *corpus*, as publicações disponíveis dentro do recorte temporal estabelecido.

Para a localização das produções, foram utilizados como principais descritores e palavras-chave os termos “saúde mental”, “educação”, “professores”, “estudantes” e “ensino e

aprendizagem”. Esses termos foram empregados de forma isolada e combinada, utilizando-se o operador booleano AND para ampliar a especificidade dos resultados e localizar produções que apresentassem relação direta entre os diferentes elementos investigados. Entre as combinações utilizadas, destacaram-se: “saúde mental AND educação”; “saúde mental AND professores”; “saúde mental AND estudantes”; e “saúde mental AND ensino e aprendizagem”. A estratégia de busca procurou identificar estudos que abordassem a saúde mental em ambientes educacionais e suas relações com as experiências de professores e estudantes e com os processos educativos.

Após o levantamento, procedeu-se à leitura dos títulos, resumos e, quando necessário, do texto completo das produções localizadas, com a finalidade de verificar sua pertinência em relação ao objetivo da pesquisa. Foram estabelecidos como critérios de inclusão: publicações disponíveis integralmente para consulta; trabalhos publicados entre 2018 e 2025; estudos relacionados à saúde mental no contexto educacional; e produções que apresentassem discussões pertinentes à saúde mental de professores e/ou estudantes e suas possíveis repercussões sobre o ensino, a aprendizagem, as relações escolares ou o bem-estar dos sujeitos.

Foram excluídos trabalhos que não estivessem disponíveis na íntegra, publicações situadas fora do recorte temporal definido, estudos que não apresentassem relação direta com o objetivo da pesquisa e produções cujo conteúdo não contribuísse para a discussão da saúde mental no contexto educacional. Também foram desconsideradas publicações que, após a leitura do material, demonstraram abordar a temática de maneira distante do foco estabelecido para o estudo. Dessa forma, a seleção não se baseou apenas na ocorrência dos descritores nos resultados das buscas, mas na pertinência efetiva de cada publicação em relação ao objetivo da pesquisa.

A partir da aplicação desses critérios, foram selecionados 10 estudos para compor o *corpus* principal da análise, contemplando diferentes abordagens metodológicas e contextos educacionais. O conjunto final foi constituído pelas produções de Julião e Silveira (2022), Costa (2024), Souza (2023), Sousa *et al.* (2024), Chaves e Ribeiro (2024), Marques (2025), Tedesque (2025), Trindade, Morcerf e Oliveira (2018), Bueno (2021) e Lima (2019). Esses estudos foram selecionados por apresentarem contribuições diretamente relacionadas à compreensão da saúde mental de estudantes e/ou professores e às suas repercussões sobre as experiências educacionais e os processos de ensino e aprendizagem.

A organização das informações ocorreu mediante leitura analítica dos estudos selecionados e sistematização dos principais elementos identificados em cada produção, considerando, especialmente, o objetivo, o contexto investigado, os participantes, os procedimentos metodológicos, os principais resultados e as contribuições relacionadas ao objeto deste artigo. As informações foram posteriormente agrupadas em eixos temáticos, permitindo identificar aproximações, diferenças e aspectos recorrentes entre os estudos. Essa organização possibilitou reunir as contribuições da literatura em torno de duas dimensões principais: a saúde mental de professores e estudantes e suas repercussões nos processos de ensino e aprendizagem.

A análise e interpretação do material bibliográfico foram realizadas por meio de uma perspectiva qualitativa e interpretativa, buscando estabelecer relações entre os resultados dos estudos selecionados e o objetivo proposto para a pesquisa. Nesse processo, foram consideradas as convergências e divergências encontradas na literatura, bem como os diferentes fatores associados à saúde mental no contexto educacional, tais como condições de trabalho, sobrecarga, relações interpessoais, dificuldades de aprendizagem, pressão acadêmica, *bullying*, acolhimento e estratégias institucionais de prevenção e promoção do bem-estar. A interpretação dos achados permitiu construir uma síntese das principais contribuições da produção analisada, sem a pretensão de esgotar a literatura existente sobre o tema.

6

Ressalta-se, portanto, que o levantamento realizado possui caráter exploratório e bibliográfico, não se configurando como uma revisão sistemática ou como uma revisão exaustiva da produção científica sobre saúde mental e educação. O propósito foi identificar e analisar produções consideradas pertinentes ao objetivo do estudo, buscando reunir diferentes perspectivas sobre a temática e construir uma compreensão integrada das relações entre saúde mental, experiência docente, experiência estudantil e processos de ensino e aprendizagem.

3 SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL: BEM-ESTAR DE PROFESSORES E ESTUDANTES

De acordo com Rojas-Andrade (2020), saúde mental pode ser compreendida como a capacidade que os indivíduos desenvolvem para lidar com as diferentes demandas e desafios presentes ao longo de sua trajetória. Nesse sentido, ela resulta da relação entre as exigências do ambiente e os recursos disponíveis para enfrentá-las, constituindo um processo contínuo de adaptação, aprendizagem e desenvolvimento (Rojas-Andrade, 2020).

As práticas escolares voltadas ao enfrentamento das crises de saúde mental ainda são, muitas vezes, marcadas por respostas imediatas e pela medicalização, o que pode gerar uma compreensão limitada da diferença entre prevenção e promoção da saúde. Nesse contexto, o encaminhamento de estudantes para serviços especializados, baseado na lógica de identificar, encaminhar e tratar, nem sempre contempla as relações escolares, os processos de ensino e aprendizagem e as potencialidades da própria instituição educativa. Assim, torna-se necessário ampliar a compreensão sobre o cuidado em saúde mental para além das intervenções individuais e clínicas (Chaves; Ribeiro, 2024).

Nessa perspectiva, as ações de promoção da saúde mental no ambiente escolar podem ser desenvolvidas de forma universal, especialmente no cotidiano da sala de aula, considerando a diversidade de necessidades e níveis de intervenção presentes entre os estudantes. A escola constitui um espaço estratégico para esse trabalho, tanto pelo tempo significativo que crianças e jovens permanecem nesse ambiente quanto pela possibilidade de reunir sujeitos que compartilham diferentes condições sociais, vulnerabilidades e fatores de risco. Dessa forma, a incorporação de conhecimentos sobre saúde mental ao contexto educacional pode favorecer ações mais amplas de cuidado, prevenção e promoção do bem-estar, articulando aspectos individuais e sociais (Chaves; Ribeiro, 2024).

7

Quanto aos professores, ele enfrenta o desafio de promover não apenas o acesso e a permanência dos estudantes na escola, mas também condições favoráveis à aprendizagem e ao desenvolvimento integral. Essa tarefa envolve lidar com diferentes aspectos da realidade dos alunos, incluindo fatores biológicos, psicológicos e sociais. Enquanto espaço de formação e construção do conhecimento, a escola exige uma atuação docente contínua, reflexiva e comprometida. Entretanto, as múltiplas responsabilidades e demandas presentes no cotidiano profissional podem repercutir negativamente na saúde mental dos professores (Sousa *et al.*, 2024).

Ensinar e aprender constituem processos interdependentes, nos quais professores e estudantes participam ativamente da construção do conhecimento e do desenvolvimento de habilidades, autonomia e criatividade. Nesse sentido, o bem-estar do docente é relevante para a qualidade de sua atuação, uma vez que condições emocionais desfavoráveis podem dificultar o estabelecimento de vínculos, a mediação pedagógica e o acompanhamento das necessidades dos estudantes. Cuidar da saúde mental dos professores, portanto, também significa favorecer

melhores condições para o desenvolvimento de práticas educativas que contribuam para a formação integral dos alunos (Sousa *et al.*, 2024).

Vale ressaltar que a saúde dos professores nem sempre recebeu a devida atenção na formulação e implementação de políticas públicas educacionais, revelando uma lacuna nas ações voltadas às condições de trabalho docente. As transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas nas últimas décadas também modificaram o papel do professor e reduziram parte do reconhecimento social atribuído à profissão. Somadas às limitações da formação profissional e às crescentes exigências do cotidiano escolar, essas mudanças podem contribuir para o chamado mal-estar docente e para o comprometimento da saúde mental desses profissionais (Zacharias *et al.*, 2011).

Por outro lado, mesmo diante das adversidades, alguns professores conseguem desenvolver estratégias de enfrentamento e manter níveis satisfatórios de bem-estar no exercício da profissão. Essa questão é relevante porque as condições emocionais dos docentes podem repercutir no relacionamento com os estudantes, nas práticas pedagógicas e, consequentemente, nos processos de ensino e aprendizagem. Desse modo, promover a saúde e o bem-estar dos professores constitui um aspecto importante para a qualidade da educação, sem desconsiderar que o docente também possui uma dimensão pessoal que precisa ser reconhecida e preservada (Zacharias *et al.*, 2011).

8

Reforça-se então que a escola constitui um espaço privilegiado para a promoção da saúde mental, pois é nesse ambiente que crianças e adolescentes permanecem durante parte significativa de suas vidas, estabelecendo relações interpessoais e construindo experiências que influenciam sua formação pessoal, acadêmica e social. Nesse sentido, garantir espaços de escuta e participação dos estudantes contribui para fortalecer o sentimento de pertencimento, a autonomia, a responsabilidade e a cidadania. Valorizar suas experiências, preocupações e diferentes formas de vivenciar a realidade também pode favorecer a prevenção do sofrimento psíquico, além de contribuir para relações mais acolhedoras, inclusivas e respeitadas no cotidiano escolar (Freire *et al.*, 2025).

A promoção da saúde mental na escola, contudo, não deve ser compreendida como uma atribuição exclusiva dos professores ou como a criação de espaços de atendimento psicoterapêutico. Trata-se de desenvolver estratégias articuladas à cultura e à dinâmica escolar, considerando as necessidades dos estudantes e reconhecendo-os como protagonistas desse

processo. Para isso, é importante fortalecer o diálogo entre educação, saúde, assistência social e outros setores, formando uma rede de cuidado e atenção. Ao criar oportunidades para que os estudantes expressem o que sentem e vivenciam, a escola amplia as possibilidades de acolhimento e cuidado, considerando não apenas aspectos individuais, mas também as condições sociais e políticas que podem estar relacionadas à produção do sofrimento psíquico (Freire *et al.*, 2025).

Portanto, a recorrência de sinais de sofrimento psíquico entre professores e estudantes evidencia a necessidade de tratar a saúde mental como uma questão prioritária no ambiente escolar, considerando manifestações como ansiedade, afastamentos, autolesões e ideação suicida. Nesse contexto, a escuta ativa e a valorização das experiências dos estudantes fortalecem o sentimento de pertencimento, a autonomia e os vínculos interpessoais, reafirmando o papel da escola como espaço de acolhimento e promoção da saúde mental. Contudo, essa responsabilidade não deve ser atribuída exclusivamente à instituição escolar, sendo fundamental a articulação entre educação, saúde e outras políticas públicas, bem como a participação das universidades, especialmente por meio da extensão, na aproximação entre conhecimento acadêmico e saberes produzidos pela comunidade (Freire *et al.*, 2025).

4 SAÚDE MENTAL E SUAS REPERCUSSÕES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Julião e Silveira (2022) estudaram a relação entre saúde mental e desempenho acadêmico de estudantes do Ensino Fundamental II, buscando identificar possíveis associações entre essas dimensões e características sociodemográficas. A pesquisa, de abordagem quantitativa e corte transversal, contou com 83 estudantes de escolas públicas e seus responsáveis. Para a coleta dos dados, foram utilizados um questionário sociodemográfico, o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ), respondido por estudantes e responsáveis, e informações referentes ao desempenho acadêmico.

Constatou-se níveis elevados de problemas de saúde mental entre os participantes, com 34,9% dos estudantes e 28,9% dos responsáveis classificando o nível de dificuldades como “muito alto”. Observou-se, ainda, que os estudantes com desempenho médio e, principalmente, baixo apresentaram maiores indicadores de problemas de saúde mental. Na percepção dos próprios alunos, o “total de dificuldades”, os “problemas emocionais” e as dificuldades de

relacionamento com colegas mostraram associação com o desempenho escolar, enquanto, na avaliação dos responsáveis, os problemas de conduta estiveram associados ao baixo desempenho. Os achados reforçam a existência de uma relação significativa entre saúde mental e rendimento escolar, destacando a necessidade de compreender essas questões para além das características individuais dos estudantes e de considerar também as práticas e relações estabelecidas no contexto escolar. As autoras ressaltam, nesse sentido, a importância de ações preventivas e de promoção da saúde mental envolvendo toda a comunidade escolar, evitando que as dificuldades de aprendizagem sejam explicadas exclusivamente pelo aluno ou por sua família (Julião; Silveira, 2022).

Costa (2024) investigou a percepção de professores sobre a relação entre saúde mental e aprendizagem dos estudantes do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) – São Luís/Rio Anil. A pesquisa teve como objetivo analisar como os docentes compreendem a influência da saúde mental no processo de aprendizagem no contexto do ensino médio. De abordagem qualitativa e caracterizada como pesquisa-ação, o estudo utilizou observação, entrevistas semiestruturadas e uma palestra formativa com os professores, a partir das necessidades identificadas durante a investigação. A proposta partiu da compreensão de que a saúde mental constitui um aspecto relevante para o desenvolvimento educacional e que a escola possui papel importante na identificação e promoção de condições favoráveis ao bem-estar dos estudantes.

10

Os resultados evidenciaram que a compreensão dos professores acerca da saúde mental ainda é incipiente, indicando a necessidade de ampliar os conhecimentos e as ações voltadas à temática no ambiente escolar. A pesquisa também identificou como desafio a aproximação entre o Setor Psicossocial, professores e estudantes do IEMA, de modo a fortalecer ações preventivas e de promoção da saúde mental articuladas ao processo de aprendizagem. O estudo, portanto, reforça a importância da formação docente e da atuação integrada entre os diferentes profissionais da comunidade escolar para o cuidado com a saúde mental e a melhoria das condições de aprendizagem (Costa, 2024).

Souza (2023) analisou a saúde mental de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), buscando compreender como esses estudantes avaliam suas condições de saúde mental e de que maneira percebem sua influência no processo de aprendizagem. A pesquisa foi desenvolvida com 90 estudantes de diferentes períodos e

turnos, predominantemente mulheres e pertencentes a grupos de baixa renda, por meio de um questionário *on-line* composto por questões sociodemográficas e perguntas abertas e fechadas sobre saúde mental, aprendizagem e estratégias de enfrentamento. O estudo parte da compreensão de que fatores como ansiedade, depressão, pressão acadêmica, desigualdades sociais e incertezas quanto ao futuro profissional podem interferir na experiência universitária e no desempenho dos estudantes.

Evidenciou-se uma relação significativa entre saúde mental e aprendizagem, uma vez que 84% dos participantes afirmaram que sua saúde mental impacta muito ou totalmente o processo de aprendizagem no curso. Entre as principais dificuldades associadas a esse impacto, destacaram-se a dificuldade de manter o foco nos estudos e a sobrecarga de atividades acadêmicas. Dessa forma, o estudo aponta que as condições de saúde mental constituem um aspecto relevante da experiência formativa no ensino superior, demandando maior atenção por parte das instituições universitárias. Para Souza (2023), os achados reforçam a necessidade de ampliar a discussão e o cuidado com a saúde mental no ambiente acadêmico, considerando suas repercussões sobre a aprendizagem e a permanência dos estudantes na universidade.

Sousa *et al.* (2024) investigaram as relações entre a saúde mental dos professores e o cotidiano escolar, buscando compreender de que maneira as condições emocionais desses profissionais podem interferir em suas práticas docentes e, consequentemente, no processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa teve como foco relatos de experiências de professores inseridos em diferentes contextos educacionais, considerando aspectos relacionados à rotina profissional, às dificuldades enfrentadas e aos fatores associados ao desgaste emocional. O estudo parte da compreensão de que o professor exerce papel fundamental na formação dos estudantes, mas também está submetido a demandas profissionais e sociais que podem comprometer seu bem-estar e sua atuação pedagógica.

Os relatos analisados evidenciaram situações de estresse, ansiedade, depressão, desmotivação, cansaço e desgaste emocional, com repercussões tanto na vida pessoal quanto no trabalho docente. Entre os efeitos identificados estão a dificuldade de manter a paciência e a tolerância, a irritabilidade, a perda de motivação para ensinar, problemas nas relações interpessoais e o desejo de afastamento ou aposentadoria. Alguns professores buscaram acompanhamento psicológico e médico, tratamento e atividades como exercícios físicos e artesanato, relatando melhora em seu bem-estar e na administração das emoções. Os achados

indicam, portanto, que o comprometimento da saúde mental pode repercutir negativamente sobre a prática pedagógica e as relações estabelecidas no ambiente escolar, reforçando a necessidade de atenção e cuidado com a saúde dos professores e de construção de ações coletivas que contribuam para prevenir o esgotamento profissional (Sousa *et al.*, 2024).

Já Chaves e Ribeiro (2024) apresentaram um relato de experiência de monitoria na disciplina de Psicologia da Educação, desenvolvida no contexto de retomada das atividades presenciais após a pandemia de covid-19. O estudo teve como objetivo contribuir para a construção de práticas pedagógicas voltadas à promoção da saúde mental em comunidades educativas, possibilitando que estudantes de licenciatura se reconhecessem como agentes de promoção do bem-estar em suas futuras práticas docentes. A experiência foi registrada por meio de anotações em diário de campo e envolveu diferentes estratégias pedagógicas, como atividades de exposição gradual ao estresse, intervenções educativas, práticas de relaxamento, estudos de caso e utilização de espaços alternativos de aprendizagem. A proposta considerou a saúde mental para além do adoecimento e da medicalização, valorizando também os vínculos, os afetos, a participação e a construção de ambientes seguros de aprendizagem.

A incorporação intencional da promoção da saúde mental às práticas pedagógicas favoreceu a criação de um ambiente mais acolhedor, seguro e participativo. As atividades possibilitaram aos estudantes compartilhar inseguranças, dificuldades de concentração, experiências pessoais e sentimentos, ao mesmo tempo em que contribuíram para o fortalecimento dos vínculos entre os participantes. As intervenções realizadas também favoreceram momentos de relaxamento, interação, reflexão sobre temas sensíveis e desenvolvimento de maior confiança para enfrentar situações novas. Ao final da experiência, os autores observaram uma turma mais tranquila, coesa e com vínculos que ultrapassaram o espaço da sala de aula, indicando que práticas pedagógicas que articulam aprendizagem e bem-estar podem contribuir para a promoção da saúde mental no contexto universitário. Dessa forma, o estudo reforça a importância da formação de professores para a criação de espaços educativos inclusivos, democráticos e promotores de saúde mental (Chaves; Ribeiro, 2024).

Marques (2025), por sua vez, analisou a Síndrome de *Burnout* na profissão docente, compreendendo-a como um fenômeno sistêmico e multifatorial relacionado às condições de trabalho e à saúde mental dos professores. Por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica, o estudo buscou discutir os principais fatores de risco associados ao esgotamento profissional

no contexto brasileiro, suas repercussões nos âmbitos pessoal e institucional e seus efeitos sobre a qualidade do ensino, além de refletir sobre possibilidades de prevenção e intervenção.

Os achados apontam que o *Burnout* constitui um dos principais desafios relacionados à saúde mental dos professores brasileiros, estando associado a condições de trabalho precarizadas, sobrecarga e desvalorização profissional. Suas consequências ultrapassam o âmbito individual, refletindo-se no absenteísmo, na rotatividade de professores, na deterioração do clima escolar e no comprometimento do processo de ensino e aprendizagem, podendo contribuir ainda para a saída de profissionais experientes e para a redução da qualidade do ensino. Diante desse cenário, o estudo defende uma abordagem multifacetada de prevenção e enfrentamento, envolvendo autocuidado e acompanhamento psicoterapêutico, mas também mudanças institucionais, como adequação da carga horária, melhoria das condições de trabalho, apoio psicológico e valorização da profissão por meio de políticas públicas (Marques, 2025).

Ampliando a discussão, Tedesque (2025) analisou o *bullying* no ambiente escolar, com ênfase em suas repercussões sobre a saúde mental e o processo de aprendizagem de crianças e adolescentes. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de entrevistas semiestruturadas com três psicólogas que atuam em escolas públicas e privadas do município de Sinop, Mato Grosso. O estudo buscou compreender como o *bullying* se manifesta no cotidiano escolar, quais consequências produz para os estudantes e quais estratégias podem ser utilizadas para sua prevenção e enfrentamento.

13

As situações de *bullying* podem provocar baixa autoestima, ansiedade, isolamento social, dificuldades de concentração, desmotivação e queda no rendimento escolar, além de favorecer faltas frequentes e, em situações mais graves, a evasão. As psicólogas também apontaram dificuldades das escolas em identificar e enfrentar os casos de maneira preventiva, devido à ausência de protocolos sistemáticos, à insuficiência de formação dos profissionais e à tendência de minimizar determinadas situações como simples brincadeiras. Por outro lado, a presença de psicólogos, a escuta qualificada, as rodas de conversa, as práticas restaurativas, a mediação de conflitos e o envolvimento das famílias se mostraram importantes para fortalecer vínculos e melhorar o clima escolar. Assim, o estudo conclui que o enfrentamento do *bullying* requer ações contínuas e articuladas entre escola, família, profissionais da saúde e demais integrantes da comunidade escolar, de modo a construir ambientes mais seguros, inclusivos e favoráveis tanto ao bem-estar quanto à aprendizagem dos estudantes (Tedesque, 2025).

Trindade, Morcerf e Oliveira (2018) discutiram a saúde mental dos professores, com foco nos fatores de risco relacionados ao trabalho docente e nas possibilidades de prevenção e promoção da saúde. O estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão não sistemática da literatura, com levantamento de artigos na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), articulada a um relato de experiência de atividades realizadas com professores da rede pública do município de Feira Grande, em Alagoas.

Indicou-se que ansiedade e Síndrome de *Burnout* estão entre os principais transtornos relacionados à saúde mental dos professores, associados a fatores como estresse, conflitos em sala de aula, pressão por produtividade, excesso de tarefas e falta de recursos adequados para o exercício da profissão. A experiência realizada com os docentes de Feira Grande também demonstrou que atividades lúdicas, interativas e coletivas podem favorecer a reflexão sobre as próprias condições de saúde mental e estimular a construção de estratégias de enfrentamento. Os autores destacam, portanto, a necessidade de ações contínuas de prevenção, acolhimento e promoção da saúde mental, envolvendo professores, gestores e representantes da categoria. Nesse sentido, defendem a realização de programas locais e nacionais de acompanhamento e prevenção, bem como a superação do preconceito relacionado à busca por apoio psicológico e outros serviços de saúde mental, considerando que o cuidado com o professor constitui uma dimensão importante para o bem-estar docente e para a qualidade do trabalho educativo (Trindade; Morcerf; Oliveira, 2018).

Ademais, a dissertação de Bueno (2021) analisou os indicadores de adoecimento mental de professores da Educação Infantil da rede municipal de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, buscando compreender também como esses profissionais percebem as implicações de sua saúde mental sobre o ensino e a aprendizagem das crianças. A pesquisa foi realizada com 123 professores, por meio de questionário eletrônico aplicado entre abril e maio de 2020, e foi organizada em dois manuscritos. O primeiro investigou a prevalência de Distúrbios Psíquicos Menores (DPM) e seus fatores associados, utilizando o *Self-Report Questionnaire-20* (SRQ-20), enquanto o segundo examinou as percepções dos docentes sobre o conceito de saúde mental, os fatores que interferem em seu estado emocional e possíveis repercussões sobre os processos de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o estudo articula a análise de indicadores de sofrimento mental com a percepção dos próprios professores acerca de sua atuação pedagógica na Educação Infantil.

Os resultados apontaram uma prevalência de 34,1% de casos indicativos de DPM, considerada elevada entre os docentes, com associação a fatores como baixa renda familiar, percepção negativa sobre a remuneração, sono inferior a oito horas, ausência de acompanhamento psicológico e uso de psicofármacos. Em relação às percepções dos participantes, 86,2% consideraram que seu estado de saúde mental pode repercutir no ensino das crianças, destacando especialmente as condições de trabalho e as relações interpessoais como fatores relevantes. Os professores também relacionaram sintomas de transtornos mentais e desequilíbrios emocionais a possíveis impactos nos processos de ensino e aprendizagem. Diante desses achados, o estudo evidencia a necessidade de ações de prevenção e promoção da saúde mental docente, associadas à melhoria das condições de trabalho, ao fortalecimento das relações interpessoais e à criação de espaços de escuta, acolhimento e acompanhamento por profissionais qualificados (Bueno, 2021).

Por fim, Lima (2019) constatou que o sofrimento psíquico entre professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental está diretamente relacionado às condições e exigências do trabalho docente. A sua pesquisa, realizada com 73 professores de escolas de Fortaleza, identificou que 51% apresentavam percepção de sintomas ansioso-depressivos, 26% se percebiam vulneráveis ao estresse ocupacional e outros 26% indicavam necessidade de melhorar sua qualidade de vida. As entrevistas apontaram como principais fatores de sofrimento a falta de apoio das famílias, a indisciplina dos alunos, a cobrança por resultados nas avaliações externas, a rotina escolar e a elevada demanda emocional envolvida no cuidado com as crianças. Os sentimentos relatados, como impotência, estresse, desamparo e angústia, revelam que as transformações nas políticas educacionais e nas formas de gestão do trabalho têm repercutido significativamente sobre a saúde mental dos docentes.

Como contribuição, o estudo destaca que o enfrentamento do sofrimento psíquico não deve ser atribuído exclusivamente aos professores, sendo necessárias políticas públicas voltadas à valorização profissional, à melhoria das condições de trabalho e à criação de espaços de escuta e apoio. A pesquisa também defende a presença de equipes multidisciplinares nas escolas, capazes de compartilhar responsabilidades relacionadas às demandas sociais, familiares e emocionais que ultrapassam a função pedagógica. Dessa forma, Lima (2019) reforça que a promoção da saúde mental docente depende de ações institucionais e políticas que considerem

o professor em sua integralidade, favorecendo melhores condições de convivência, qualidade de vida e exercício profissional.

Embora os estudos selecionados aqui discutidos representem apenas uma parcela da produção científica disponível sobre a temática da saúde mental no contexto educacional, considera-se que o conjunto analisado é suficiente para oferecer um panorama geral das principais discussões e perspectivas presentes na literatura. A seleção contempla diferentes abordagens relacionadas à saúde mental de professores e estudantes, permitindo identificar aspectos recorrentes, desafios enfrentados no cotidiano educacional e possíveis repercussões sobre o bem-estar, o ensino e a aprendizagem. Dessa forma, mais do que pretender esgotar a produção existente, o levantamento buscou reunir contribuições relevantes e diretamente relacionadas ao objetivo da pesquisa, possibilitando uma compreensão abrangente do fenômeno e subsidiando a discussão acerca da importância da promoção da saúde mental no ambiente escolar.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos evidencia que a saúde mental ocupa um lugar importante no contexto educacional, pois está relacionada não apenas ao bem-estar individual, mas também à forma como professores e estudantes vivenciam o cotidiano escolar. Conforme Rojas-Andrade (2020), a saúde mental envolve a capacidade de lidar com as diferentes demandas e desafios da vida, o que permite compreender que ela não depende somente das características de cada sujeito, mas também das condições encontradas nos espaços em que ele está inserido. No ambiente educacional, essa compreensão se torna ainda mais relevante, uma vez que professores e estudantes convivem diariamente com exigências acadêmicas, relações interpessoais, responsabilidades e situações que podem favorecer tanto o desenvolvimento quanto o sofrimento psíquico. Os estudos de Julião e Silveira (2022), Souza (2023) e Bueno (2021) reforçam essa relação ao demonstrarem que dificuldades emocionais e problemas de saúde mental podem estar associados a dificuldades de concentração, baixo desempenho, sobrecarga e prejuízos nos processos de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, os resultados encontrados apontam que as dificuldades de aprendizagem não devem ser compreendidas apenas como consequência de características individuais dos estudantes. Julião e Silveira (2022), por exemplo, identificaram associação entre problemas

emocionais, dificuldades de relacionamento e desempenho escolar, indicando a necessidade de olhar para o estudante de maneira mais ampla. Essa perspectiva se aproxima das discussões de Chaves e Ribeiro (2024), para quem as ações de saúde mental precisam superar uma lógica centrada apenas na identificação do problema, no encaminhamento e no tratamento. Quando a escola considera as relações, os vínculos, os afetos e as condições em que a aprendizagem ocorre, amplia-se a possibilidade de compreender as dificuldades apresentadas pelos estudantes e de construir respostas mais adequadas. Assim, o cuidado em saúde mental passa a fazer parte do próprio cotidiano educativo, e não apenas de situações consideradas graves ou que exigem atendimento especializado.

Os estudos também mostram que o professor ocupa uma posição central nessa discussão, mas isso não significa que ele deva assumir sozinho a responsabilidade pelo cuidado com a saúde mental dos estudantes. Sousa *et al.* (2024) destacam que o trabalho docente envolve múltiplas responsabilidades e exige do professor disponibilidade para lidar com diferentes necessidades dos alunos, enquanto Zacharias *et al.* (2011) chamam atenção para as transformações sociais e profissionais que contribuíram para o aumento das exigências sobre a docência. Essa realidade aparece de forma ainda mais evidente nos estudos de Lima (2019), Trindade, Morcerf e Oliveira (2018), Bueno (2021) e Marques (2025), que relacionam o sofrimento docente a fatores como sobrecarga, pressão por resultados, conflitos em sala de aula, falta de apoio, desvalorização profissional e condições inadequadas de trabalho. Portanto, quando se discute a saúde mental no ambiente educacional, é necessário considerar também as condições concretas em que o professor exerce sua profissão.

Essa questão é particularmente importante porque o sofrimento docente pode ultrapassar a dimensão pessoal e alcançar as relações e práticas desenvolvidas na escola. Os relatos analisados por Sousa *et al.* (2024) indicam que sintomas como estresse, ansiedade, cansaço, irritabilidade e desmotivação podem dificultar a atuação profissional e afetar as relações interpessoais. De forma semelhante, Bueno (2021) identificou que grande parte dos professores participantes reconhecia a possibilidade de seu estado de saúde mental repercutir sobre o ensino das crianças. Lima (2019) também evidenciou que sentimentos de impotência, angústia e desamparo estavam relacionados às condições de trabalho e às exigências presentes no cotidiano escolar. Esses resultados permitem compreender que cuidar da saúde mental docente não representa uma ação separada da qualidade da educação. Ao contrário, oferecer

melhores condições para que o professor exerça seu trabalho também pode favorecer relações pedagógicas mais equilibradas e condições mais positivas para a aprendizagem.

Ao mesmo tempo, a literatura analisada demonstra que os estudantes também estão expostos a diferentes situações capazes de comprometer seu bem-estar e sua participação na vida escolar. Souza (2023) identificou, entre estudantes universitários, forte percepção de que a saúde mental interfere na aprendizagem, especialmente em razão da dificuldade de manter o foco e da sobrecarga acadêmica. No contexto da educação básica, Julião e Silveira (2022) encontraram relação entre dificuldades de saúde mental e desempenho escolar, enquanto Tedesque (2025) evidenciou que situações de *bullying* podem provocar ansiedade, isolamento, baixa autoestima, dificuldades de concentração e desmotivação. Esses resultados mostram que a aprendizagem não ocorre de maneira isolada das experiências emocionais e sociais dos estudantes. Um aluno que se sente inseguro, excluído, sobrecarregado ou constantemente exposto a situações de violência pode encontrar maiores dificuldades para participar das atividades e estabelecer relações positivas com colegas e professores.

Diante disso, a promoção da saúde mental precisa estar articulada à própria organização das práticas educativas. A experiência apresentada por Chaves e Ribeiro (2024) mostra que atividades de escuta, relaxamento, interação e reflexão podem contribuir para a construção de ambientes mais acolhedores e participativos, sem transformar a sala de aula em um espaço de atendimento clínico. Essa perspectiva dialoga com Freire *et al.* (2025), que defendem a criação de espaços nos quais os estudantes possam expressar suas experiências, preocupações e sentimentos, fortalecendo o pertencimento, a autonomia e os vínculos. Portanto, promover saúde mental na escola não significa apenas intervir quando o sofrimento já está instalado, mas criar condições cotidianas que favoreçam relações respeitadas, participação, acolhimento e segurança.

Outro aspecto que se destaca é a necessidade de superar a ideia de que a escola, sozinha, deve solucionar todos os problemas relacionados à saúde mental. Chaves e Ribeiro (2024) e Freire *et al.* (2025) defendem uma perspectiva articulada entre diferentes setores, envolvendo educação, saúde, assistência social e outros serviços. Essa compreensão também aparece nos estudos sobre sofrimento docente, especialmente em Lima (2019) e Marques (2025), que apontam para a necessidade de políticas institucionais e públicas voltadas às condições de trabalho, à valorização profissional e ao apoio aos professores. Dessa forma, tanto o sofrimento

dos estudantes quanto o dos docentes precisa ser compreendido dentro de uma rede mais ampla de relações e condições sociais. A responsabilidade pelo cuidado deve ser compartilhada entre diferentes profissionais, instituições e políticas públicas, evitando que o professor seja responsabilizado individualmente pelo bem-estar de seus alunos ou que o estudante seja responsabilizado sozinho por suas dificuldades.

Os estudos analisados permitem perceber, portanto, que existe uma relação de mão dupla entre saúde mental e educação. As condições emocionais de professores e estudantes podem interferir na aprendizagem, nas relações e nas práticas pedagógicas, mas o próprio contexto educacional também pode contribuir para produzir ou reduzir situações de sofrimento. Sobrecarga, pressão, desvalorização, conflitos, violência e ausência de apoio podem fragilizar o bem-estar, enquanto escuta, acolhimento, vínculos, participação e melhores condições de trabalho podem atuar como elementos de proteção. Nessa perspectiva, a promoção da saúde mental precisa ser incorporada ao cotidiano educacional de forma contínua, e não tratada apenas como resposta a situações de crise.

Assim, a discussão realizada evidencia que pensar em qualidade da educação também implica pensar nas condições emocionais e relacionais de quem ensina e de quem aprende. Professores que encontram condições adequadas para desenvolver seu trabalho e estudantes que se sentem acolhidos e pertencentes à escola têm maiores possibilidades de participar de experiências educativas significativas. Isso não significa estabelecer uma relação automática entre bem-estar e bom desempenho, mas reconhecer que os processos de ensino e aprendizagem são construídos por sujeitos inseridos em contextos sociais, afetivos e institucionais. Dessa maneira, a saúde mental deve ser compreendida como uma dimensão que atravessa a experiência educacional e que exige ações preventivas, coletivas e articuladas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como a saúde mental de professores e estudantes influencia os processos de ensino e aprendizagem, destacando os principais desafios presentes no contexto educacional e suas repercussões para o bem-estar e a qualidade da educação. A partir da análise dos estudos selecionados, considera-se que o objetivo foi alcançado, uma vez que foi possível identificar uma relação significativa entre as condições de saúde mental e as experiências de ensinar e aprender. Os resultados indicam que situações como ansiedade,

estresse, sobrecarga, sofrimento psíquico, *Burnout*, dificuldades de relacionamento e *bullying* podem comprometer a concentração, a participação, o desempenho e as relações estabelecidas no ambiente educacional. Ao mesmo tempo, evidenciou-se que condições favoráveis de acolhimento, escuta, pertencimento e valorização podem contribuir para o bem-estar e para a construção de experiências educativas mais positivas.

Os achados também permitiram compreender que a promoção da saúde mental não deve ser responsabilidade exclusiva do professor ou da escola, nem estar restrita a ações de caráter clínico. Trata-se de uma questão que envolve as condições de trabalho docente, as relações escolares, as experiências dos estudantes e a articulação entre diferentes setores e profissionais. Nesse sentido, entre as principais limitações desta pesquisa está o fato de se tratar de um estudo de natureza bibliográfica, baseado em um conjunto específico de trabalhos selecionados, o que não permite generalizar os resultados para todas as realidades educacionais. Além disso, as diferenças entre os contextos, públicos e metodologias dos estudos analisados dificultam comparações mais precisas entre seus resultados. Dessa forma, os achados devem ser compreendidos como contribuições para a reflexão sobre a temática, e não como uma representação completa de todas as situações relacionadas à saúde mental na educação.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a realização de estudos empíricos que investiguem diferentes realidades escolares, considerando as percepções de professores, estudantes, gestores, famílias e profissionais da saúde. Também são relevantes pesquisas que acompanhem a implementação e os resultados de programas de promoção da saúde mental no cotidiano educacional, especialmente ações voltadas à prevenção do sofrimento, à formação dos professores, à melhoria das condições de trabalho, à prevenção do *bullying* e ao fortalecimento dos vínculos escolares. Por fim, destaca-se a necessidade de ampliar o debate sobre saúde mental nas políticas educacionais, compreendendo o cuidado como parte da qualidade da educação. Promover uma escola que cuide de quem ensina e de quem aprende significa criar condições mais favoráveis não apenas ao bem-estar, mas também ao desenvolvimento integral e à construção de processos de ensino e aprendizagem mais humanizados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. F. C. de. O papel da escola na educação e prevenção em saúde mental. *Estilos clín.*, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 112-119, 1998.

BUENO, L. R. **Saúde mental de professores e as implicações no ensino da educação infantil**. 2021. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Uruguaiana, 2021.

CHAVES, A. de J.; RIBEIRO, L. P. Ensinar e praticar saúde mental em sala de aula: monitoria de graduação. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-17, 2024.

COSTA, F. D. S. **Percepção dos professores sobre a saúde mental e a aprendizagem dos estudantes do IEMA - São Luís/Rio Anil**. 2024. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, 2024.

FREIRE, K. R. L. C.; NÓBREGA, D. O.; TOMAZ, A. C. L.; PEREIRA, A. A.; FURTUNATO, J. P.; SILVA, M. S. Promoção da saúde mental na escola: reflexões a partir de um relato de experiência. **Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, Caicó, v. 25, n. 1, jan. 2025.

JULIÃO, E. B.; SILVEIRA, L. M. de O. B. Desempenho escolar e saúde mental em alunos do Ensino Fundamental II da Região Sul do Brasil. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, v. 9, n. 2, p. 245-266, 2022.

LIMA, E. N. **O sofrimento psíquico em professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de Fortaleza**. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Estadual do Ceará (UECE), Centro de Educação, Fortaleza, 2019.

MARQUES, J. P. Implicações da Síndrome de Burnout na saúde mental docente e seus impactos na educação brasileira. **Revista de Educação do Vale do São Francisco**, Petrolina, v. 15, n. 37, p. 1-22, 2025.

21

MATOS, R. da L.; FRANCISCO, D. J. Saúde mental e educação: A ética do cuidado como fundamento das práticas de promoção em saúde nas escolas. **Plurais – Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 9, n. esp. 1, e024001, 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

ROJAS-ANDRADE, R. M. **Salud Mental en comunidades educativas**. Santiago: Ediciones Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2020.

SOUSA, E. C. B. e; RAMOS, M. de B.; GABRIEL, M. L.; DOBIX, R. A. dos A.; BUENO, H. P. V. A saúde mental do professor e os impactos que podem ocorrer no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPPFIP**, Aquidauana, v. 4, n. 16, ed. especial, dez. 2024.

SOUZA, N. L. de. **Saúde mental de estudantes de pedagogia e seu impacto na aprendizagem**. 2023. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2023.

SOUZA, W. de; LAROCA, R. O.; SILVA, R. A. de O. Saúde mental de professores darede de educação básica: fatores de prazer e sofrimento no trabalho. **Revista Sociedade Científica**, v. 8, n. 1, p. 2121-2134, 2025.

TEDESQUE, A. de Souza. Bullying escolar e seus impactos na aprendizagem e saúde mental dos estudantes. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 16, n. 3, p. 751-759, 2025.

TRINDADE, M. de A.; MORCERF, C. C. P.; OLIVEIRA, M. S. de. Saúde mental do professor: uma revisão de literatura com relato de experiência. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 2, n. 4, 2018.

ZACHARIAS, J.; MENDES, A. R.; LETTNIN, C.; DOHMS, K. P.; MOSQUERA, J. J.M.; STOBÄUS, C. D. Saúde e Educação: do mal-estar ao bem-estar docente. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2011.